



A guerrilha do Caparaó teve repercussão internacional junto com movimentos parecidos em outras partes do mundo (Congo, Bolívia) e suporte financeiro (Cuba) e organização externa (Uruguai). Nos primeiros anos do regime militar, especialmente durante o governo do General Castelo Branco, ainda havia uma tentativa de dar uma aparência de legalidade e democracia ao regime: existiam eleições indiretas, a Câmara dos Deputados e o Senado aparentemente legislavam democraticamente, e a repressão ainda era mais branda, principalmente no tocante aos organismos de repressão.

Logo após o golpe, nos primeiros meses de 1964, houveram choques violentos entre o regime e seus opositores.

Mas a partir de 1965 até 1968, com a decretação do AI-5, houve um período de uma razoável estagnação e desarticulação política dos mecanismos contrários ao regime. As primeiras tentativas de insurreição partiram de ex-militares (guerrilha do Cel. Jefferson Cardim) e de duas tentativas de levante no Rio Grande do Sul (retratadas no filme) organizadas por Leonel Brizola. No exílio no Uruguai, primeiro em Montevidéu e posteriormente no balneário de Atlântida, Brizola coordenou as primeiras tentativas organizando a massa de ex-militares expurgados e outros exilados políticos que foram se refugiar no país vizinho. Conseguiu apoio financeiro de Cuba através de seu enviado, o ex-deputado Neiva Moreira e da ajuda da AP (Ação Popular) de Herbert de Souza, o Betinho; tornando-se assim uma das principais figuras políticas brasileira de oposição no exílio.

No Uruguai Brizola foi procurado pelo grupo de ex-sargentos comandado por Amadeu Felipe da Luz Ferreira, um ex sargento do exército, nascido em Santa Catarina, membro do PC e ativista político desde a luta pela constitucionalidade em 1961 pela posse de Jango. Amadeu

buscava apoio para algo que vários ex-sargentos planejavam desde que foram expurgados e presos após o golpe: a guerrilha rural. A princípio Brizola não apoiava a idéia, mas depois dos fracassos dos levantes gaúchos, decidiu apoiar a iniciativa financeiramente.



Brizola agregou a seus mais próximos colaboradores como Paulo Schiling, Flávio Tavares e Neiva Moreira; um grupo de marinheiros expurgados, e criou o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), com uma base de apoio no Rio de Janeiro, comandada pelo professor Bayard De Marie Boiteaux, ex-dirigente do Partido Socialista Brasileiro. Viabilizou o envio de 22 combatentes para treinamento em Cuba e após uma tentativa fracassada de instalação da guerrilha em Criciúma viu o primeiro foco de guerrilha rural do Brasil ser implantado na Serra do Caparaó.

Porém, com a demora em definir uma ação, e com a aproximação entre Cuba e Mariguella (Fidel preferiu dar apoio a este último); o movimento perdeu força política e auxílio financeiro, deixando praticamente os guerrilheiros abandonados a própria sorte no alto da Serra. Quando foram presos pela Polícia Militar de Minas Gerais, os guerrilheiros estavam em crise interna entre sargentos do exército e marinheiros, famintos e doentes. Através dos interrogatórios e da prisão do grupo do Rio a base carioca foi rapidamente desmantelada e, para proteger Leonel Brizola, o falecido Professor Bayard Demarie Boiteaux confessou ser o líder do movimento.





Fonte: picodabandeiratur.tur.br